

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12

**VARIAÇÃO LEXICAL  
NA MESORREGIÃO SUDESTE DO PARÁ:  
UM OLHAR SOBRE OS DADOS  
DO ATLAS LÉXICO SONORO DO PARÁ – ALeSPA**

*Abdelhak Razky* (UFPA)

[arazky@gmail.com](mailto:arazky@gmail.com)

*Edson de Freitas Gomes* (UNIFESSPA)

[edsongomes@unifesspa.edu.br](mailto:edsongomes@unifesspa.edu.br)

*Regis José da Cunha Guedes* (UFPA)

[regisbspaz@gmail.com](mailto:regisbspaz@gmail.com)

13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24

**RESUMO**

No presente artigo foram mapeados e discutidos dados lexicais registrados na mesorregião Sudeste do Pará, comparando-se esses a outros dados do *Atlas Léxico Sonoro do Pará* (ALeSPA) e do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB). A pesquisa é orientada pelos pressupostos da dialetologia pluridimensional (THUN, 1997) e o enfoque metodológico do projeto *Atlas Geossociolinguístico do Pará* (RAZKY, 1998). No recorte metodológico feito, foram considerados dados de fala de 22 informantes, estratificados por sexo e idade. O questionário semântico lexical aplicado contempla 14 campos semânticos. Os resultados apresentam a variação diatópica, diagenérica e diageracional dos itens lexicais “pernilongo” e “cambalhota” na região delimitada, e corroboram a hipótese da existência de agrupamentos lexicais (RAZKY & GUEDES, 2015), que marcam de forma notável a variação no léxico do português falado na zona rural do estado do Pará.

25  
26  
27

**Palavras-chave:** ALeSPA. Dialetologia. Geossociolinguística. Variação Lexical.

28  
29  
30  
31  
32

**1. Introdução**

A mesorregião Sudeste do estado do Pará compreende 39 municípios, dentre os quais, seis foram eleitos como pontos de inquérito para o mapeamento da variação lexical do português falado nessa área do estado, a partir do banco de dados do *Atlas Léxico Sonoro do Pará* (ALeSPA).

33  
34  
35  
36  
37  
38

O povoamento da mesorregião Sudeste do Estado do Pará se deu mais intensamente somente a partir da implementação dos grandes projetos de mineração e do desenvolvimento da indústria agropecuária, especialmente a partir da década de 50 do século XX. A região do interfluxo dos rios Araguaia e Tocantins era tradicionalmente ocupada por povos indígenas diversos, falantes de línguas pertencentes aos troncos tupi-gua-

1 rani e macro-jê e por colonos, esses últimos empenhados principalmente  
2 na coleta e comercialização da castanha-do-pará e na extração de madei-  
3 ra, desde o período colonial.

4 O encontro de pessoas (suas culturas, línguas e falares) é caracte-  
5 rística marcante dessa região do estado, que está circunscrita pelos limi-  
6 tes estaduais com o Maranhão, Tocantins e Mato Grosso. A partir da dé-  
7 cada de 50 do século passado, a região recebeu intenso processo migrató-  
8 rio de pessoas oriundas desse e de outros estados brasileiros, atraídas por  
9 oportunidades de trabalho no garimpo, como em Serra Pelada, nas em-  
10 presas mineradoras e nas fazendas, estas últimas que se multiplicaram  
11 vertiginosamente a partir da política de integração da região amazônica,  
12 implementada pelos governos militares no referido período. Em 2014, o  
13 IBGE estimou a população da mesorregião Sudeste do Pará em  
14 1.819.301 habitantes.

15 Esse processo histórico e socioeconômico está representado na  
16 língua portuguesa falada na região. O *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* –  
17 ALiSPA (RAZKY, 2004) demonstrou a configuração da variação fonéti-  
18 ca do português falado no estado do Pará, e, nesse contexto, registrou al-  
19 gumas particularidades fonéticas das mesorregiões Sudeste e Sudoeste do  
20 Estado, como a predominância da realização alveolar [s] na pronúncia da  
21 palavra “giz”, em oposição à palatal [ʃ], que predomina nas demais me-  
22 sorregiões do Estado.

23 Estudos preliminares que mapearam os dados lexicais do projeto  
24 ALiPA<sup>1</sup> (*Atlas Geossociolinguístico do Pará*), como este que aqui se de-  
25 lineia, e outros, como o de Regis José da Cunha Guedes (2012) e Abde-  
26 lhak Razky e Regis José da Cunha Guedes (2015), têm demonstrado a  
27 existência de agrupamentos lexicais diatópicos na variação do português  
28 falado na zona rural do estado do Pará. Nesses agrupamentos observados  
29 a partir do mapeamento de alguns itens lexicais do inventário, a mesorre-  
30 gião Sudeste destaca-se integrando um agrupamento lexical, hora sozinha  
31 e hora em conjunto com a mesorregião Sudoeste do Estado.

32 A hipótese levantada pelos autores é de que esses processos lin-  
33 güísticos refletem a realidade extralingüística dessas comunidades de fa-  
34 la. A inter-relação entre os fatos linguísticos e os fatos sociais, como o  
35 sexo, idade, escolaridade e também a história do povoamento de uma re-  
36 gião têm sido objeto de estudos geolinguísticos como os de Aparecida

---

<sup>1</sup> Que compreende o ALiSPA (sobre dados fonéticos, publicado em 2004) e o ALiSPA (sobre dados lexicais, em fase de elaboração)

1 Negri Isquerdo e Daniela S. Silva Costa (2010) e Vanderci de Andrade  
2 Aguilera (2012). A consideração da variação da língua a partir do contex-  
3 to sócio-histórico de seus falantes é pressuposto da dialetologia pluridi-  
4 mensional e relacional de Harald Thun (1997) e da abordagem geossoci-  
5 ciolinguística (RAZKY, 1998) adotada no ALeSPA. Por tanto, represen-  
6 tar cartograficamente e discutir os indícios dessa relação entre fatores  
7 linguísticos e extralinguísticos nos falares rurais do português no estado  
8 do Pará foi nosso intento neste artigo.

## 9 10 **2. Aspectos teórico-metodológicos**

11 No tratamento dos dados, foi adotado o aporte teórico-metodoló-  
12 gico da geossociolinguística (RAZKY, 1998) e da dialetologia pluridi-  
13 mensional e relacional (THUN, 1997), sendo controladas as variáveis so-  
14 ciais: diagenérica (sexo) e diageracional (idade), além da dimensão dia-  
15 tópica (geográfica), o que resultou na produção de cartas linguísticas plu-  
16 ridimensionais.

17 Nas discussões das cartas linguísticas, deu-se ênfase à tendência  
18 surgida a partir do desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, na se-  
19 gunda metade do século XX, de se considerar a relação entre linguagem  
20 e realidade social, isto é, os fatores de ordem linguística e extralinguística  
21 que influenciam no fenômeno da variação.

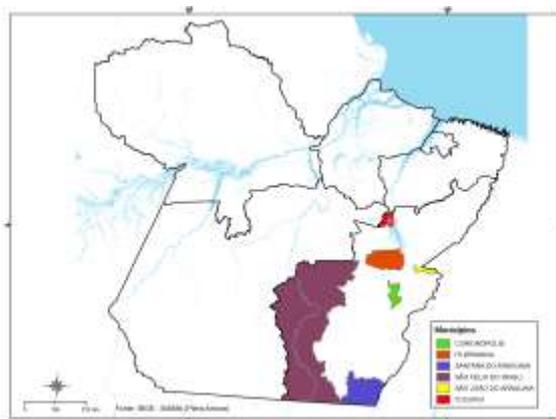
22 Por muito tempo, os estudos dialetológicos restringiram o estudo  
23 da língua à dimensão geográfica, com destaque para o espaço rural, acre-  
24 ditando-se que, seus falantes conservavam a língua preservada em seu es-  
25 tado natural, livre das influências do meio urbano. (CALLOU, 2010)

26 As pesquisas iniciadas por dialetólogos como Jules Gilliéron no  
27 final do século XIX, com base na geografia linguística, inauguraram uma  
28 nova fase nos estudos das línguas românicas em que a partir de pesquisas  
29 de campo seria possível conhecer a realidade linguística de determinada  
30 localidade, quebrando com a tradição dos estudos comparatistas, em que  
31 as fontes de pesquisas eram os textos escritos. (ILARI, 2008)

32 Porém, foi somente com o advento da sociolinguística nos anos 60  
33 do século XX, que os estudos dialetológicos passaram a considerar o es-  
34 paço urbano como *locus* de pesquisa, e os fatores sociais trouxeram novo  
35 alento para os estudos na área. (CARDOSO, 2010)

1 A pesquisa que aqui se delinea enquadra-se entre os estudos da  
2 moderna dialetologia, pois leva em consideração as variáveis de ordem  
3 social: idade e sexo dos informantes, apesar de estar focada no ambiente  
4 rural. Essa escolha metodológica se deu pela configuração do estado do  
5 Pará, que é eminentemente rural, devido à sua grande extensão geográfi-  
6 ca, e o baixo índice de ocupação *per capita*. Contudo, como consideram  
7 Regis José da Cunha Guedes e Abdelhak Razky (2012), os limites entre o  
8 rural e o urbano são relativos, estando relacionados a diversos fatores  
9 como a proximidade entre as moradias e a presença intensa do comércio  
10 e da indústria, por isso, é preferível compreender essa relação num “con-  
11 tínuo de fala” entre o rural e o urbano.

12 Para representar a variação lexical da língua portuguesa falada na  
13 mesorregião Sudeste do Estado do Pará, foram selecionados dados de  
14 seis municípios dentre os que compõem essa mesorregião, como uma  
15 amostra suficiente e capaz de representar o perfil da realidade linguística  
16 deste espaço geográfico. A metodologia do ALeSPA previu quatro in-  
17 formantes em cada ponto de inquérito selecionado: Itupiranga, Santana  
18 do Araguaia, São Félix do Xingu, São João do Araguaia, Tucuruí e Curi-  
19 onópolis<sup>2</sup>. A distribuição geográfica dos seis pontos de inquérito selecio-  
20 nados pode ser verificada na **Fig. 1**:



**Fig. 1: Pontos de Investigação Selecionados para a Pesquisa.**

Fonte: IBGE – IBAMA (Piera Amora)

<sup>2</sup> Em Curionópolis foram entrevistados apenas os dois informantes pertencentes à primeira faixa etária, pois não se conseguiu informantes da segunda faixa etária que se enquadrassem no perfil requerido: nascidos na localidade, por razões ligadas à formação histórica do município, que é muito recente.

1 Os dados foram coletados a partir da aplicação de um questionário  
2 semântico-lexical, contendo 14 campos semânticos, através de entrevistas  
3 *in situ* com os 22 informantes. Foram produzidas 30 cartas lexicais<sup>3</sup>.  
4 Entre essas, foram selecionadas 2 para discussão neste artigo, que melhor  
5 representam a variação lexical na mesorregião Sudeste do Pará.

6 Em decorrência do fato de não se ter encontrado informantes da  
7 segunda faixa etária, no ponto 1 – Curionópolis, que se enquadrassem no  
8 perfil da pesquisa, quando se trabalhou nas cartas lexicais com dados re-  
9 ferentes à variável extralinguística idade, tem-se a seguinte configuração:  
10 12 informantes da primeira faixa etária e 10 informantes da segunda fai-  
11 xa etária; ao passo que, com os dados referentes à variável extralinguísti-  
12 ca sexo, tem-se o seguinte: 11 informantes do sexo masculino e 11 in-  
13 formantes do sexo feminino. Ao todo 22 informantes.

14 Na seção seguinte, apresentamos e discutimos as cartas lexicais  
15 selecionadas para representar a variação do léxico do português falado na  
16 mesorregião Sudeste do Estado do Pará.

### 17 18 3. *Apresentação e discussão dos resultados*

19 As discussões feitas a partir das cartas enfocam a variação geos-  
20 sociolinguística das lexias nos níveis diatópico, diagenérico e diageracio-  
21 nal. Na sequência discutir-se-ão as cartas selecionadas, uma por vez,  
22 comparando-as a outros dados do ALeSPA (GUEDES, 2012) e do AliB.  
23 (ISQUERDO, 2010)

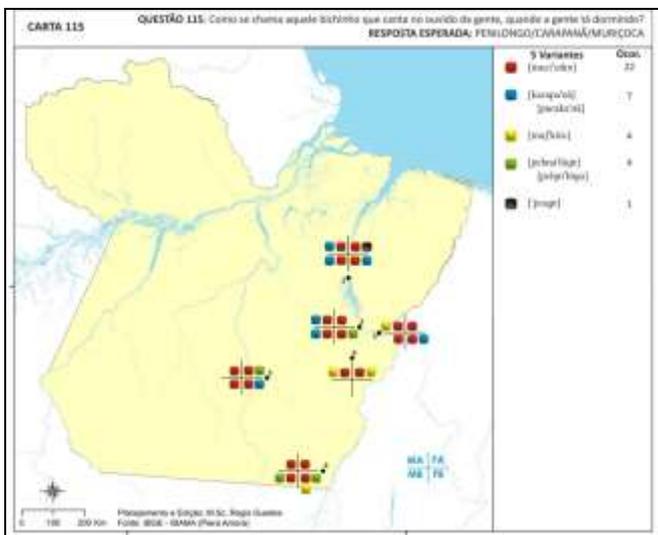
24 A carta 115 (**Fig. 2**), sobre a variação do item lexical “pernilongo”  
25 na mesorregião Sudeste do Pará, apresenta cinco variantes lexicais, com  
26 predominância da lexia “muriçoca” com 22 ocorrências, seguida da lexia  
27 “carapanã” com sete ocorrências.

28 Ao analisar-se a distribuição diatópica da lexia “muriçoca” na me-  
29 sorregião Sudeste do Pará, observou-se que todos os informantes dos seis  
30 pontos da pesquisa utilizam esta lexia - 100% de ocorrências - o que cor-  
31 roborava a afirmação de Regis José da Cunha Guedes (2012, p. 90), “[...] *muriçoca*  
32 ocorre em todas as mesorregiões do Estado, sendo essa, inclu-  
33 sive, a mais recorrente na mesorregião Sudeste do Estado do Pará”, como  
34 se pode observar na **Fig. 3**.

---

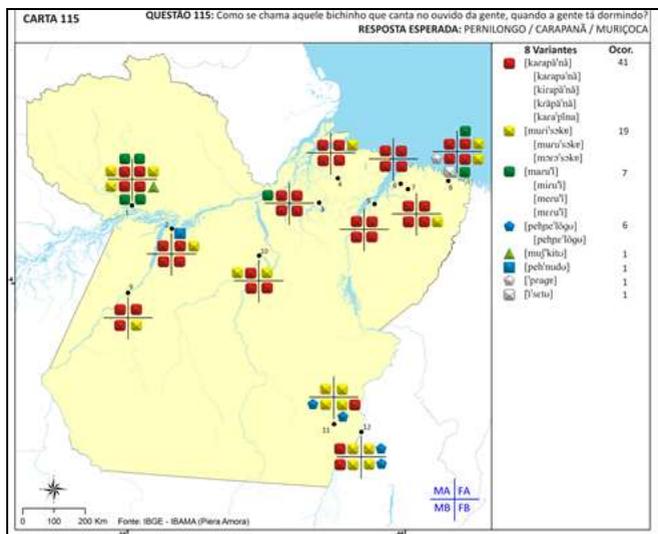
<sup>3</sup> Elaboradas e analisadas na dissertação de mestrado de Edson de Freitas Gomes (2013).

1  
2  
3  
4



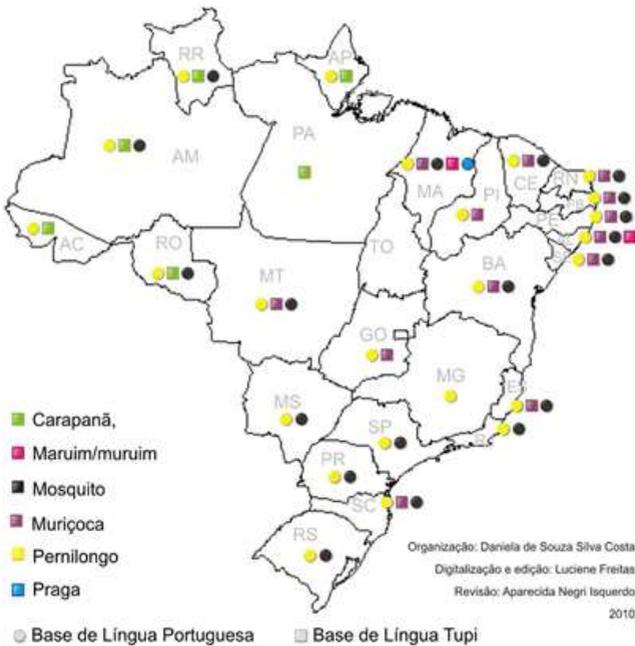
**Fig. 2: Carta 115: Designações para Pernilongo no Sudeste Paraense. Fonte: Gomes (2013)**

5  
6



**Fig. 3: Carta 002: Designações para Pernilongo no Pará. Fonte: Guedes (2012)**

1 Verificou-se também na carta 115 (**Fig. 2**) que a recorrência da  
2 lexia “carapanã”, a segunda mais falada pelos informantes, confirma  
3 também o que está registrado em Regis José da Cunha Guedes (2012)  
4 (**Fig. 3**), com maior número de ocorrências entre informantes do sexo  
5 masculino e da segunda faixa etária. Na mesorregião Sudeste do Pará  
6 (**Fig. 2**), no que diz respeito à dimensão diagenérica, a lexia “carapanã”  
7 registra 57% de ocorrências para o sexo masculino e 43% de ocorrências  
8 para o sexo feminino. Pela dimensão diageracional, verificou-se maior  
9 disparidade entre as faixas etárias, com 28% de ocorrências para a pri-  
10 meira faixa etária e 72% de ocorrências para a segunda faixa etária.

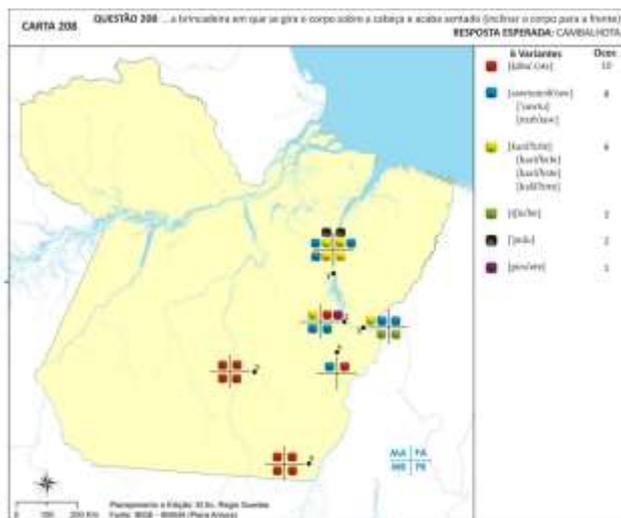


11  
12 **Fig. 4: Variantes Para “Pernilongo” – ALiB. Fonte: Isquerdo e Costa (2010).**

13 Comparando-se os dados do ALeSPA aos do ALiB (nas capitais  
14 brasileiras), em estudo realizado por Aparecida Negri Isquerdo e Daniela  
15 S. Silva Costa (2010) (**Fig. 4**), sobre o mesmo item lexical, pode-se con-  
16 siderar que os dados do ALiB nas capitais brasileiras dão uma visão mais  
17 ampla da variação, demonstrando, por exemplo, que a variante “carapanã”,  
18 de matriz tupi-guarani, é característica não somente no Estado do  
19 Pará, mas de toda a região amazônica. Por outro lado, os dados do

1 ALeSPA trazem uma visão mais específica sobre o fenômeno da varia-  
 2 ção deste item lexical no português falado no Pará, uma vez que demons-  
 3 tram a distribuição das diversas lexias registradas pelo território paraen-  
 4 se. Nos dados do ALeSPA, cartografados por Regis José da Cunha Gue-  
 5 des (2102) (**Fig. 3**) e Edson de Freitas Gomes (2013) (**Fig. 2**), verifica-se  
 6 a predominância da lexia “muriçoca”, de matriz tupi-guarani, na mesor-  
 7 região Sudeste do Estado.

8 Nos dados do ALiB (**Fig. 4**) é possível constatar que a lexia “mu-  
 9 riçoca” não ocorre nas capitais do Norte do Brasil, por outro lado é lar-  
 10 gamente utilizada em outras regiões brasileiras, como na Nordeste e na  
 11 Centro Oeste. Assim, pode-se afirmar que os estudos realizados com da-  
 12 dos do ALeSPA na mesorregião Sudeste do Pará retratam o processo his-  
 13 tórico de ocupação dessa parte do território paraense, que recebeu intenso  
 14 fluxo migratório advindo especialmente das regiões Nordeste e Centro  
 15 Oeste do Brasil, a partir da segunda metade do século XX, como referen-  
 16 ciamos anteriormente neste estudo.



17  
 18 **Fig. 5: Carta 208: Designações para Cambalhota no Sudeste Paraense.**  
 19 **Fonte: Gomes (2013)**

20 Analisando-se o item lexical “cambalhota” no Sudeste paraense,  
 21 construiu-se a carta 208 (**Fig. 5**). Nela, destacam-se seis variantes lex-  
 22 cais, com maior incidência da lexia “cambalhota” (dez ocorrências), se-



1 pressão “salto mortal” e da lexia “carambela” que predominam mais ao  
2 norte da mesorregião. Ao serem comparados aos dados dessa aos das  
3 demais mesorregiões do estado do Pará (GUEDES, 2012) (**Fig. 6**), ob-  
4 servou-se que eles se coadunam, pois a lexia “carambela” predomina nas  
5 mesorregiões Nordeste, Metropolitana de Belém e Marajó (pontos 3, 4,  
6 5, 6, 7, 8, 9 e 10), já na **Fig. 5** os registros de “carambela” se deram nos  
7 pontos mais limítrofes com essas mesorregiões (1, 2 e 3), constituindo-se  
8 assim na continuidade desse agrupamento lexical diatópico.

9 Existem ainda três outros agrupamentos lexicais observáveis se  
10 compararmos os dados cartografados nas duas cartas (Figuras 5 e 6). O  
11 primeiro em ordem de frequência é o da lexia “cambalhota”, que na **Fig.**  
12 **5** compreende os pontos 2, 5 e 6, e na **Fig. 6** observa-se nos pontos 1, 2,  
13 3, 5, 6, 9, 11 e 12, abarcando, portanto, as mesorregiões Sudoeste e Su-  
14 deste do estado do Pará, com poucos registros no Marajó e Nordeste do  
15 Estado.

16 Outros dois agrupamentos lexicais observáveis referem-se às lexi-  
17 as “salto mortal” e “tiúba”, ambos presentes na mesorregião Sudeste do  
18 Pará. Somente “salto mortal” apresenta uma ocorrência na mesorregião  
19 Sudoeste (ponto 10 da **Fig. 6**).

#### 21 **4. Considerações finais**

22 Os resultados deste estudo comparativo entre os dados do ALeS-  
23 PA mapeados por Edson de Freitas Gomes (2013) e Regis José da Cunha  
24 Guedes (2012), apresentados parcialmente por meio das cartas lexicais  
25 analisadas, nos levaram a concluir que a mesorregião Sudeste Paraense  
26 possui características semântico-lexicais que lhe dão certa peculiaridade  
27 em relação às demais mesorregiões do Estado do Pará, caracterizando-a  
28 como zona de migração, resultado de um processo histórico de ocupação  
29 do espaço local, que fez com que esta mesorregião recebesse influências  
30 no léxico, que a fizeram assumir uma nova dinâmica no que diz respeito  
31 ao português falado, distanciando-se parcialmente do restante do Estado,  
32 que, na maior parte das mesorregiões, mantém um léxico resultante do  
33 período das ocupações coloniais do Brasil, acrescido das línguas indíge-  
34 nas faladas pelas populações originárias do território amazônico.

35 Por outro lado, os estudos de Regis José da Cunha Guedes (2012)  
36 e Edson de Freitas Gomes (2013) se complementam no sentido de corro-  
37 borar a hipótese da existência de agrupamentos lexicais de ordem diató-

1 pica no português falado na zona rural do estado do Pará, como assina-  
2 lamos nas análises das cartas sobre os itens lexicais “pernilongo” e  
3 “cambalhota”.

#### 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6 AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane Cristina. Para um  
7 atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. *Revista Alfa*. São Pau-  
8 lo, vol. 56, n. 3, p. 871-889, 2012. Disponível em:  
9 <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a07v56n3.pdf>>. Acesso em: 13-  
10 07-2016.

11 CALLOU, Dinah. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram.  
12 *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 41, p. 29-48. jan./jun.  
13 2010.

14 CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e moder-*  
15 *nidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

16 GOMES, Edson de Freitas. *Variação lexical em seis municípios da me-*  
17 *sorregião sudeste do Pará*. 2013. Dissertação (de Mestrado). – Instituto  
18 de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

19 GUEDES, Regis José da Cunha. *Estudo Geossociolinguístico da varia-*  
20 *ção lexical na zona rural do estado do Pará*. 2012. Dissertação (de Mes-  
21 trado). – Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pa-  
22 rá, Belém, 2012.

23 ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática. 2008.

24 ISQUERDO, Aparecida Negri; COSTA, Daniela S. Silva. Designações  
25 para “pernilongo” nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico e lé-  
26 xico-semântico. *Revista Travessias*. n. 10. Paraná: Unieste, 2010. Dispo-  
27 nível em:  
28 <<http://www.unioeste.br/travessias/linguagem/designa%20pernilongo.pdf>>. Acesso em: 15-07-2016.

30 RAZKY, Abdelhak. O Atlas geossociolinguístico do Pará: Abordagem  
31 metodológica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). *A Geolin-*  
32 *güística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.

33 \_\_\_\_\_. *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará* (ALiSPA 1.1). Be-  
34 lém: [s/ed.], 2004. (CD-ROM).

- 1 \_\_\_\_\_ . Atlas linguístico sonoro do Pará: uma nova perspectiva para a  
2 organização de *corpus* geolinguístico. In: AGUILERA, Vanderci de An-  
3 drade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a*  
4 *percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.
- 5 \_\_\_\_\_; GUEDES, Regis José da Cunha. Le continuum des regroupe-  
6 ments lexicaux dans l’atlas géosociolinguistique du Pará. *Revista Géo-*  
7 *linguistique*, n. 15-2015. Centre de Dialectologie. GIPSA-lab – Univ.  
8 Grenoble Alpes, 2015. Disponível em: <[http://ellug.u-  
grenoble3.fr/fr/publications](http://ellug.u-<br/>9 grenoble3.fr/fr/publications)>
- 10 THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio do Prata. Porto  
11 Alegre: UFGRS, 1997. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). *Estudos de*  
12 *variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFGRS,  
13 2005, p. 63-92.
- 14 \_\_\_\_\_ . La geolingüística como lingüística variacional general (con  
15 ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In:  
16 RUFFENO, Giovanni. *International Congress of Romance Linguistics an*  
17 *Philology*. Tübingen: Niemeyer, 1998.